

AS PREFERÊNCIAS DE LEITURA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosana Mara Koerner

(Universidade da Região de Joinville)

RESUMO: O objetivo do presente artigo é apresentar resultados de uma pesquisa feita com professores acerca de suas práticas de leitura. 116 professores da Educação Infantil responderam a um questionário, caracterizando a pesquisa como do tipo *survey*. Serão apresentados os dados relativos a duas questões, voltadas para as preferências de leitura dos professores. Os resultados indicam que os professores relacionam, entre suas preferências, materiais ligados à sua profissão, recaindo suas preferências em obras que possibilitem repensar sua prática pedagógica. Outro dado interessante é que, embora o tipo de livro mais lido por prazer esteja ligado à área de atuação, trata-se de material de pouca circulação no meio acadêmico, como acontece com as obras de Içami Tiba e Augusto Cury, muitas vezes classificados de 'autoajuda'. Talvez o professor, egresso dos cursos de graduação, considere-se abastecido de literatura acadêmica e procure outros estilos literários. Há uma grande recorrência, também, a livros de autoajuda, indicando que os professores não se excluem das tendências editoriais atuais. Os principais autores que dão sustentação teórica ao estudo são: Batista (1998) e Kleiman (2001).

Palavras-chave: Educação Infantil. Materiais de Leitura. Práticas de Leitura.

READING PREFERENCES OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT: The aim of this paper is to present a few results of a survey conducted with teachers about their reading practices. 116 kindergarten teachers answered a questionnaire, characterizing research as the survey type. Data relative to two questions directed to the reading preferences of teachers will be presented. The results indicate that teachers list among their preferences; materials related to their profession, such as works that allow them rethink their teaching practices. Another interesting fact is that although the type of book that is most read for pleasure is connected to their professional area, including books that have little circulation in academia, such as the works of Içami Tiba and Augusto Cury, often classified

as of "self-help". Perhaps teachers, coming from undergraduate courses, consider themselves as well-supplied with academic literature and search for other literary styles. There is also a large recurrence of self-help literature indicating that teachers are not excluded from current publishing trends. The main authors that provide theoretical support to the study are: Batista (1998) and Kleiman (2001).

Keywords: Kindergarten Teachers. Reading Materials. Reading Practices.

Introdução

Uma revista de grande circulação nacional, em fevereiro de 2012, publicou em sua reportagem de capa alguns números relativos à aquisição de livros no Brasil, abrangendo especialmente os três últimos anos. Dizia a reportagem em sua frase de abertura: "O brasileiro, ninguém duvida, está lendo mais."¹ Segundo a revista, a queda do preço do livro e o sucesso de autores nacionais foram alguns dos fatores que contribuíram para tais resultados. A classe média representa o principal público leitor no momento, dado sua necessidade de aprimoramento. Constatação idêntica pode ser feita a partir da publicação da terceira edição da pesquisa *Retratos de leitura do Brasil*, do Instituto Pró-Livro, realizada em março de 2012, indicando um acréscimo de 9% no número de pessoas que afirmam estar lendo mais do que em 2007, ano de sua segunda edição.

Os dados apresentados não podem ser simplesmente desprezados, especialmente quando apresentam o perfil de um novo tipo de leitor, advindo de uma nova classe média, da qual fazem parte muitos professores atuantes na Educação Básica. Embora os resultados apresentados não especifiquem a figura do professor, não há por que acreditar que suas leituras sejam tão distintas daquelas que são feitas pelas pessoas com as quais convive. Parece utópico conferir ao processo de formação do professor o poder de transformá-lo em um leitor altamente proficiente, distinguindo suas práticas de leitura daquelas que são feitas ao seu redor. Assim, torna-se pertinente questionar sobre que tipo de leitor é este professor, advindo de uma classe, cujas práticas de leitura apresentam novas configurações, algumas não tão atraentes no discurso da academia? O que ele gosta de ler? Quais são os seus autores preferidos? São essas as questões que norteiam o presente trabalho.

Inicialmente são feitas algumas ponderações sobre a temática central: os materiais que o professor lê e suas preferências. Seguem as informações sobre a metodologia da pesquisa e a apresentação dos principais resultados, permeada de reflexões sobre as leituras dos professores.

Algumas ponderações

Antônio A. G. Batista inicia o capítulo 2, *Os(as) professores(as) são 'não-leitores'?*, do livro *Leituras do professor*, organizado por Marildes Marinho, em 1998, respondendo afirmativamente à pergunta proposta no título. Apresenta uma série de argumentos que justificam tal posição, baseando-se em um estudo que vinha fazendo junto a professores de Minas Gerais. Uma das principais constatações é a de que tais professores são, em sua maioria, os primeiros de sua família a frequentar um curso superior, sujeitos, portanto, a práticas mais intensas e/ou diferenciadas de leitura. Contudo, são práticas escolarizadas, isto é, que apresentam características típicas do universo escolar, como a seleção de títulos marcadamente recomendados para a leitura na escola. Não há autonomia e o predomínio é do sentimento de 'incerteza' quando a leitura é não-escolarizada. Especialmente quando os professores indicam, em suas preferências, a leitura de textos não-legitimados pela cultura de prestígio.

Com base em um texto de De Singly (1993), Batista (1998) anuncia quatro posições correntes em torno da leitura, que abordam aspectos como a legitimação dos textos, o prazer no ato de ler, a democratização do acesso a textos consagrados e a última, “[...] um processo de *exclusão tardia* ou *inclusão relativa*.” (Grifos do autor) (BATISTA, 1998, p. 56). Por esta última posição, os professores são vistos como sujeitos que reconhecem a distância que há entre a cultura legítima de leitura e seu domínio dessa cultura.

Kleiman (2001, p. 64) aborda a questão das leituras feitas pelo professor sob a perspectiva do letramento, retirando a discussão do âmbito literário. E conclui:

O fato de a professora ter chegado tarde às instituições letradas pode ter reflexos na formação de seu gosto pessoal de leitura, mas isso só deveria nos preocupar se interferir na prática didática; qualquer outra referência a qualificações pseudo-objetivas para o ensino seja baseado na classe social e cultural é preconceituosa.

Voltando brevemente ao texto de Batista (1998), em um segundo trecho trazido pelo autor para sua posterior discussãoⁱⁱ, há informações sobre características do livro didático produzido a partir da década de 1980. Chama a atenção o fato de que se trata de um livro que visa a atender um “novo tipo de professor” (BATISTA, 1998, p. 24), fadado a uma jornada muito intensa de trabalho (*turn over*, nos termos usados no texto). Passados quase 15 anos, parece que este ‘novo tipo de professor’ continua em sua condição de ‘novo’, no sentido aqui proposto de ‘desconhecido’. Aliás, talvez o professor seja mesmo um eterno desconhecido. Enquanto as editoras perceberam quem era esse novo professor, os discursos, especialmente os da mídia e da academia, parecem ainda não reconhecê-lo. Afinal, há certo pressuposto (socialmente estabelecido) de que o professor é alguém que lê muito, preferencialmente literatura (e clássica!), que escreve bem, que sabe muitas coisas. É o professor típico de tempos idos: um ser um tanto sisudo, sóbrio, capaz de longas divagações sobre Machado de Assis e José de Alencar. Isso para não falar da ideia que se tem dos seus alunos, compondo salas pouco numerosas, e advindos de lares em que se servia, em muitos casos, *boa* literatura como sobremesa do jantar.

Com a abertura dos portões da escola a partir da década de 1970, houve mudanças no perfil ou características dos alunos, vindos, alguns deles, de lares economicamente empobrecidos. Depois, os professores tiveram que se multiplicar muito rapidamente para atender a demanda. Ora, sisudez e sobriedade não se multiplicam na mesma velocidade! Assim, entram em cena, para dividir o palco da educação, professores diferentes, com pouca experiência em relação a quase tudo, inclusive na leitura de clássicos da literatura. E, dadas as condições que se impunham, é esse o professor que passou a ocupar, cada vez mais, o espaço do cenário escolar brasileiro e que ainda permanece um tanto desconhecido! Ou, talvez, não se queira de fato reconhecê-lo! É um novo professor, mas no qual ainda se buscam traços daquele, anterior à década de 1970. Por outro lado, não se buscam nos alunos atuais os traços dos alunos daquela época. Seria absurdo! Reconhecemos que são diferentes, com outras necessidades, com outros jeitos de ser, de pensar e de encarar o mundo. Como, então, conciliar um professor do passado com um alunado cada vez mais ‘antenado’ nas novas tecnologias, por exemplo. Por que a facilidade de aceitação deste novo aluno e o endurecimento para com o professor? De acordo com Assunção e Oliveira (2009, p. 366),

As políticas educacionais nas últimas décadas provocaram mudanças que causaram grande impacto sobre a organização e a gestão escolar. A expansão da escolaridade e a consequente

universalização do ensino fundamental nas redes públicas brasileiras trouxeram um maior contingente para o sistema educativo e maior complexidade das demandas apresentadas à escola. Essas demandas chegaram à escola sem que as condições objetivas de atendimento fossem adequadas à nova situação, o que tem resultado em intensificação do trabalho docente.

Talvez resida aí a justificativa para tantos desencontros no espaço da sala de aula. A leitura, possivelmente, é onde tais desencontros se tornam mais evidentes. O que leem os nossos alunos? E o que leem os seus professores? Reformulando a pergunta: o que devem ler os novos professores para atender aos novos alunos sem que pareçam velhosⁱⁱⁱ professores^{iv}? Talvez as lamúrias em cursos de formação inicial e/ou continuada de que os professores não leem possam servir como um sinal de que, como formadores, também não conhecemos nosso professor: o que costuma ler, o que lhe dá prazer em ler. Insistimos em buscar neles aqueles traços... Insistimos em querer impregnar-lhes aqueles traços... No já referido texto de Kleiman (2001, p. 44), a autora nos provoca com um desconcertante posicionamento:

É preciso perguntarmo-nos se o fato de a alfabetizadora preferir a literatura para as massas aos clássicos nos incomoda porque tal preferência impedirá que ela introduza seus alunos ao mundo da leitura, em geral, e da literatura, em particular, ou se nos incomoda porque revela que o crítico literário, o professor universitário e a alfabetizadora têm histórias muito diferentes de leitura e, portanto, falam de lugares sociais muito diferentes.

Curiosamente não se questionam médicos e advogados sobre suas preferências de leitura e se considera como de vital importância a leitura de textos específicos de sua área com vistas à sua permanente atualização. Ninguém duvidaria que tais profissionais podem ser tidos como leitores, mesmo que suas leituras se resumam a obras e artigos especializados. Como seria se o professor afirmasse que tem o hábito de ler somente textos de sua área de atuação? Isso o isentaria de ser um professor capaz de despertar o desejo de leitura em seus alunos? O prazer de ler somente pode ser encontrado nos textos literários?

Assim como qualquer profissional, o professor também é leitor, talvez não aquele desejado pela mídia e pela academia! É injusto impor-lhe uma tarefa tão complexa quanto à formação de sujeitos leitores, levando-se em conta somente um tipo de leitor, o dos textos consagrados.

Percurso metodológico

Os dados que aqui se apresentam são um recorte da pesquisa intitulada “Práticas de letramento de professores da Educação Infantil às licenciaturas”, desenvolvida ao longo de 2011 e 2012, na maior cidade do Estado de Santa Catarina, com 500 mil habitantes. Com o objetivo de contribuir para as discussões sobre letramento, a pesquisa do tipo *survey* buscou investigar práticas de letramento de professores de diferentes níveis de ensino, incluindo aquelas voltadas para a sua prática profissional. A pesquisa, em sua totalidade, abrangeu professores da Educação Infantil, das séries iniciais do Ensino Fundamental, de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental, de Língua Portuguesa do Ensino Médio e das licenciaturas da maior universidade da cidade, totalizando 334 sujeitos^v (número relativo aos questionários válidos devolvidos, de um total de 750 entregues). A seleção dos professores deu-se por meio de sorteio simples, considerando-se a totalidade de profissionais em cada nível, informada pelos órgãos gestores.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário com 19 questões sobre formação, tempo de atuação e diferentes aspectos que envolvem a leitura e a escrita. Antecediam as questões informações relativas à pesquisa (título, objetivo, participantes) e à garantia de sigilo aos respondentes.

Considerando a dimensão dos dados, aqui serão apresentados os resultados referentes a duas questões voltadas para as práticas de leitura de cunho mais pessoal: “Qual material de leitura que lhe dá prazer em ler? Por quê?” (Questão 08) e “Cite o nome de 5 livros que lhe foram/são marcantes (se puder, mencione a autoria)” (Questão 09). Para esta análise foram considerados 116 questionários respondidos pelos professores da Educação Infantil, correspondendo a 23% do total de professores que atendem a este nível^{vi}, pertencentes à maior rede pública de ensino na cidade.

A maioria das perguntas do questionário era do tipo aberta, permitindo ao professor manifestar-se livremente. A opção por este tipo de pergunta se deu exatamente por possibilitar a livre manifestação do sujeito de pesquisa, sem qualquer tipo de indução do pesquisador. De acordo com Diehl e Tatim (2004, p. 69), as questões abertas “[...] permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões.” Contudo, tal liberdade cria certa dificuldade no momento da análise, já que as respostas podem ser as mais variadas. Assim, optou-se pela segmentação das

respostas sempre que isso fosse possível (quando havia referência a mais de um material, por exemplo), considerando cada unidade como referência, que foram, em seguida, agrupadas em categorias, de acordo com traços em comum, para tornar possível a reflexão sobre os resultados.

Dos 116 professores que responderam ao questionário, mais de 70% têm mais de 5 anos de atuação na educação, mas 60% estão há menos de 5 anos na turma atual (aquela na qual atuavam em 2011, ano da coleta de dados). Isto indica a rotatividade dos professores, alternando as turmas com relativa periodicidade.

Quanto à formação, 67% dos professores possuem pós-graduação (especialização). Somente 6 professores não possuem graduação alguma e 2 não são graduados em Pedagogia. Dentre aqueles que informaram o ano de conclusão do curso, observa-se que a maior parte formou-se no período entre 2001 e 2010. Isso indica que a demanda pela continuidade no processo de formação é algo mais recente e que os professores estão atentos a tais exigências.

Apresentação e discussão dos resultados

A primeira questão a ser apresentada solicitava que o professor indicasse qual material de leitura lhe dava mais prazer. Também foi pedido que dissesse o porquê de sua indicação. O uso deliberado da palavra *material* se deve à crença de que é possível ter prazer na leitura de diferentes materiais, para além do livro somente. Nada impede que alguém goste de ler almanaques ou, até mesmo, manuais de instrução. São materiais que cumprem funções distintas. Aliás, vale questionar se a função primeira da literatura é de fato proporcionar prazer. Não seria possibilitar reflexões sobre a vida? Será que tais reflexões serão sempre prazerosas?

Foram 201 referências obtidas para a pergunta “Qual material de leitura que lhe dá prazer em ler?”, ou seja, algumas das 116 respostas traziam mais do que uma referência a algum material. Os resultados apontam para um professor que se encontra interessado pela área na qual atua, já que a resposta mais recorrente (21,3%) foi aquela que se referia a materiais da esfera profissional^{vii}. O professor parece ler material de sua área não só por questões de atualização ou de ordem profissional, mas porque isso o atrai, chama a sua atenção. Assim como outros profissionais, também busca constante atualização, sem que isso se constitua em um fardo. Se considerarmos os 5,4% de referências à Literatura Infantil Juvenil, estreitamente ligada ao público atendido por

tais professores, tem-se que há uma significativa busca por materiais que contribuam para o seu fazer pedagógico.

O segundo material de maior referência foram aqueles tidos como de autoajuda, com 13,4% (não incluída a Bíblia que representou 0,9%). Neste ponto, os professores apenas parecem seguir uma tendência do mercado editorial, optando por uma literatura que, supostamente, tem a capacidade de ajudar o leitor a se encontrar em meio a dúvidas de variadas ordens.

A literatura (de um modo geral) é a terceira maior referência, com 11,9% das citações, resultado muito próximo dos livros de autoajuda. Por vezes, textos literários também cumprem quase um papel de catarse; contudo, propõem reflexões por meio de um trabalho linguístico mais elaborado, em que predominam os dizeres da ficção. Talvez a este resultado possam ser somados aqueles que apenas se referiam à resposta simples 'livros' (5,9%) e ainda aqueles 5,4% relativos à literatura infantil juvenil. Se somarmos todos esses resultados, tem-se que a leitura prazerosa dos professores da Educação Infantil, enfatizando-se nesse ponto o emprego da palavra *prazer* na pergunta, oscila entre material de sua área de atuação e literatura.

Jornal e revistas são os itens que vêm a seguir. Como a ênfase recaía sobre o aspecto prazer, deduz-se que nem sempre a leitura desses materiais é feita de forma prazerosa, mas que há outras motivações, possivelmente mais ligadas ao objetivo principal das revistas e jornais que é, em geral, o de informar sobre fatos recentes.

Leitura em ambiente virtual ainda não é algo que atrai o professor, já que apenas 2,4% das referências foram a materiais desta natureza. Isto pode indicar a pouca familiaridade com tal ambiente. Ou, ainda, a madura percepção de que se trata, em muitos casos, de uma leitura de pouco aprofundamento. Ou, ainda, que o espírito nostálgico associado ao manuseio do papel ainda predomine entre os professores.

As demais ocorrências (com menos de 5%) dividem-se entre biografias, histórias em quadrinhos, artigos e livros de áreas afins. Duas respostas foram particularmente curiosas: uma em que o professor afirmou que sua preferência era por revistas de automobilismo e outro, de *jiu-jitsu*. Tais respostas podem estar associadas a algum envolvimento mais recente com a temática abordada nestes materiais e que acaba por monopolizar a atenção por certo tempo. Talvez tal empolgação possa ser comparada com a 'febre' por certas obras, que vêm, permanecem por certo tempo aquecendo o mercado editorial (cinematográfico, às vezes) e depois passam e, para ficar na

metáfora, não deixam cicatrizes.

Embora na questão sobre qual o material lhe trazia mais prazer, apenas quatro professores não tenham respondido, quando se tratou de justificar a escolha do material de leitura, o número aumentou para 32. Em consonância com a primeira parte da questão, 13,7% das referências estavam ligadas à melhoria na sua área de atuação. Em alguns casos os materiais escolhidos auxiliavam na compreensão de certas situações do cotidiano.

Se compreendermos que o conhecimento, a informação e a cultura certamente contribuem para o fazer pedagógico, podemos acrescentar 11,1% das respostas que apontavam para tal compreensão como principal justificativa para considerar os materiais de leitura por eles indicados como sendo de leitura prazerosa.

Quase 9% procuraram por algo que os motivasse, entusiasmasse ou que os ajudasse a superar alguma dificuldade (talvez até de sala de aula). Outras respostas (4,6%) resgatam a ideia da imaginação, do 'viajar', tão difundido nos meios midiáticos. O prazer não precisa estar, necessariamente, em um mundo distante do real, na ficção, como às vezes aparece nas defesas do hábito da leitura. Talvez seja mesmo necessário repensar o conceito de prazer e encará-lo mais pela sua face subjetiva do que pelo desejo de uma multidão de leitores de literatura.

Curiosamente, 11 professores não tiveram o menor pudor em afirmar que os textos foram escolhidos pela leitura rápida que proporcionam, por serem textos "curtos, leves". Pode-se entender isto como certo *descompromisso* com textos mais densos? Mais longos? É comum ouvir-se desculpas como: "dói o olho"; "fico com sono"; "não tenho paciência", quando se faz referência a materiais de leitura mais volumosos. O hábito da leitura de Literatura Infantil para as crianças não poderia estar influenciando este distanciamento de textos mais extensos?

A outra questão solicitava que o professor citasse cinco livros que lhe foram marcantes e, se possível, que citasse os autores. O objetivo era identificar quais os livros (e autores) que estariam na preferência dos professores. Apesar de na questão estar indicada a quantia, muitos não atenderam ao número estabelecido. Em função disso, adotou-se como metodologia a contagem individualizada, ou seja, cada menção seria contabilizada, chegando-se a um total de 476 referências (ou indicações de título). Apenas seis professores não responderam.

Seguindo a tendência já percebida em questões anteriores – de preferência por uma leitura associada ao seu

trabalho -, 20,7% das referências foram feitas a títulos de livros ligados diretamente à sua área, seja voltada para a criança, para a Educação Infantil em geral, seja voltada para questões mais gerais de educação. Se somarmos a este total os 4,4% de referências a livros de Paulo Freire (contabilizados de forma separada), tem-se que um quinto dos títulos citados (lembrados) envolvia questões educacionais, conferindo ao professor uma característica bastante interessante para qualquer profissional, a de quem procura se atualizar, ou, pelo menos, não ficar alheio às discussões que envolvem sua profissão.

Outro dado pode reforçar o que foi afirmado acima, categorizado como 'livro de autoajuda da área', ou seja, que funciona como uma espécie de manual, com dicas que aparentemente funcionariam bem em sala de aula. Servem como exemplo a obra *Quem ama educa*, de Içami Tiba, citado 31 vezes (6,5 % do total) e *Pais brilhantes, professores fascinantes*, de Augusto Cury, com 37 citações (7,7% do total). Somando-se a esses outros títulos de livros com o mesmo teor, tem-se 18,6% do total. Embora seja um número bastante significativo, é menor do que aquele registrado para obras teóricas (de cunho acadêmico), incluindo-se as obras de Paulo Freire. Contudo, o número elevado provoca algumas reflexões muito sérias. Entre elas, um questionamento-chave: Por que o professor procura tanto por obras que lhe servem como um roteiro? Antes de qualquer crítica, é preciso observar o que este dado traz de positivo: o professor está, sim, preocupado com sua ação pedagógica e por isso esses títulos lhe foram marcantes. Está à procura de respostas e, de preferência, respostas claramente formuladas, de rápida aplicação. Por outro lado, tais respostas, de rápida aplicação, poderiam contribuir para o silenciamento do professor, com o conseqüente apagamento de sua voz e a anulação das singularidades e diferenças que constituem, em última instância, a beleza dos infinitos fazeres pedagógicos.

Duarte (2011), em artigo no qual relaciona políticas educacionais e o trabalho docente na atualidade, aponta para a conclusão a que chegaram diversos autores por ela revisitados: “[...] os autores brasileiros demarcaram um desgaste físico e emocional dos docentes no processo de trabalho” (DUARTE, 2011, p. 173) Trata-se de um profissional atarefado, sem muito tempo para digerir resultados de pesquisa e relacioná-los à sua própria realidade. Talvez seja um reflexo da sociedade de consumo intenso e imediato da qual esse professor também faz parte. Não há como ignorar tais dados ou tal contexto. Ao contrário, eles deveriam provocar discussões menos apaixonadas no mundo da academia, que os levem em consideração no momento de

organizar o conteúdo programático das disciplinas que comporão os cursos de formação de professores.

Parece que o consumo de obras de autoajuda não se limita apenas ao universo da profissão. Também em outras áreas da vida tais obras têm sido marcantes para os professores entrevistados. Quatorze por cento das referências estão relacionadas a estes livros. Se somarmos a estes 14% os 3% de obras de cunho esotérico, os 4,8% de títulos de teor religioso, as 17 vezes que o livro *A cabana*, de William P. Young foi citado (3,5% do total), e os 0,8% de referência à Bíblia, temos que 26% dos títulos estão relacionados ao lado espiritual e/ou emocional. Um número bastante significativo, que dá pistas claras sobre esse professor que atua na Educação Infantil. Em geral, são leituras feitas de forma rápida, com um enredo envolvente, que prende pela identificação que promove com fatos do cotidiano. Parece um professor à busca de muitas respostas para sua profissão, mas também para aspectos de sua vida. Não há como esquecer esse sujeito que está por trás de uma proposta pedagógica, que procura o curso de Pedagogia (principalmente) para ter uma profissão. Talvez seja necessário resgatar o humano por trás do professor e vê-lo em suas dificuldades reais que, certamente, afetarão o seu fazer pedagógico, já que não é possível descolar o humano do profissional quando se passa pela soleira da porta.

Também os *best-sellers* estão na lista dos mais citados pelos professores (cerca de 5% das referências), indicando que estes não se encontram distantes do que acontece no mercado editorial. Onze professores se lembraram do livro *O Pequeno Príncipe*, de gênero um tanto indefinido, mas também de leitura fácil e contemplativa. Este livro também foi lembrado pelos entrevistados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, estando entre os cinco mais citados.

No que se refere à literatura, as obras mais citadas são de Literatura Infantil Juvenil, com 4,2% das referências, contra 2,6% de clássicos, 3,7% de referências a títulos mais atuais e 1,4% de livros de literatura brasileira. São números baixos, muito distantes daqueles alcançados pelos livros de autoajuda. Muitos têm contato com tais obras (à exceção dos livros de Literatura Infantil Juvenil, lidos pelos professores para seus alunos) somente durante o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, não sendo suficiente este tempo para a aquisição do gosto pela literatura, a ponto de ela tornar-se marcante. Deixará esse professor de ser considerado leitor em função de suas preferências serem outras?

É preciso ressaltar que cerca de 6% das referências apresentaram títulos incorretos ou incompletos (chegou-se a tal conclusão mediante rápida consulta a um *site* de busca).

Considerando certa margem de erro, ainda assim, tem-se determinada dificuldade por parte dos professores em guardar/memorizar o título de obras que lhe foram marcantes. Talvez algumas tenham sido lidas há muito tempo. Outros misturaram as palavras de dois ou mais títulos, fazendo surgir uma referência inexistente. São os percursos de um professor que lê, mas lê a seu modo.

Com relação aos autores mais citados, como nem todos os professores forneceram o nome de todos os autores das obras citadas, optou-se por fazer o cálculo da porcentagem sobre o total de autores citados, que é de 272 nomes. Como houvesse muitas citações de nomes desconhecidos, mais uma vez recorreu-se ao *site* de busca para uma melhor identificação. Com isso, percebeu-se que nove nomes estavam equivocados (incompletos ou grafados de forma incorreta), o que não possibilitou o seu reconhecimento.

Os autores mais citados foram aqueles de obras ligadas à área de atuação dos professores, já que foram tais obras as que mais marcaram. Somam 23% das ocorrências, aos quais ainda podem ser somados os 4% das referências a Paulo Freire e 4,4% a Rubem Alves. Temos que mais de 30% dos autores citados são da área educacional e colaboraram/colaboram para a formação e prática dos professores. É preciso ressaltar que Augusto Cury^{viii} recebeu, só ele, 14,7% das citações, além dos 11% de Içami Tiba, contabilizados de forma separada. Muitas obras desses autores têm como público-alvo os professores, ainda que tais obras possam se caracterizar como uma espécie de livro de autoajuda, sem o compromisso de um aprofundamento teórico ou de propor alguma discussão inerente à ação docente. Apesar disso, optou-se por agrupá-las juntamente com outros autores, de reconhecida contribuição para a área, usando o critério do público-alvo.

Reforça-se aqui o que já foi dito anteriormente: que este professor é alguém que busca algo que possa contribuir para a melhoria de sua prática pedagógica; preferencialmente alguma coisa que seja suficientemente clara e rápida de ser assimilada, como é o caso desse tipo de material. Curiosamente, são obras que não têm espaço durante o período de formação, mas que compõem a lista dos mais procurados depois, quando não há mais o compromisso com aprovações e reprovações. Somam-se aos totais desses dois autores, mais 4% de outros de autoajuda. Tem-se que mais de 25% dos autores citados correspondem a obras que, de uma forma ou outra, trazem algum alento para os seus leitores.

Autores de *Best-seller*^{ix} foram citados 24 vezes, sendo 10 delas de William P.Young, autor de *A cabana*, por muito tempo na lista dos mais vendidos. Seguindo a tendência de

busca por obras que possam, de alguma forma, trazer alguma reflexão para a vida pessoal, tem-se que 8,4% das citações foram feitas a autores de cunho religioso (entre padres e teólogos, em geral). Considerando os resultados até aqui apresentados, o professor desenha-se como um sujeito portador de angústias de várias ordens, e que busca respostas.

Autores de literatura, seja mundial, brasileira ou infanto-juvenil, somam cerca de 9% das referências, muito abaixo do que aconteceu no caso das obras de autoajuda e da própria área. Certamente que este dado não pode simplesmente ser usado para afirmar que o professor é um não-leitor. Ele lê, sim, como os resultados têm apontado, mas não é aquele leitor tão frequentemente almejado (pela mídia e até no mundo acadêmico, às vezes), e pintado como um 'rato de bibliotecas'. Também não é pelo fato de ele não ler literatura que não deixará de contribuir para a formação de leitores na faixa etária em que atua (de 0 a 5 anos). Afinal, não serão os livros de literatura (mundial e/ou brasileira) que serão por ele lidos para as crianças (salvo os de Literatura Infanto-Juvenil).

Considerações

Os resultados aqui apresentados permitiram algumas reflexões a respeito das preferências de leitura dos professores. Dentre elas, a de que o professor sente prazer em ler materiais relacionados à sua área de atuação, ou seja, além de constantemente se aprofundar nos temas educacionais, o faz por prazer. Embora, na maioria das vezes, tal ideia se aplique aos gêneros literários, para os professores parece ser possível obter prazer em ler materiais diferentes do literário. Afinal, quem dita as normas do 'sentir prazer'? Certamente um texto que venha ao encontro de alguma necessidade ou que responda a algum questionamento pode tornar a leitura extremamente prazerosa, próxima daquilo que se sente ao beber um copo d'água quando se está com muita sede. A própria definição de *prazer* deve ser questionada. Talvez falar de *prazeres*, no plural, seja mais conveniente, até mesmo quando se pensa no trabalho do professor, sempre responsabilizado por despertar o prazer de ler em seus alunos.

Outro dado interessante é o distanciamento dos materiais de leitura dos padrões acadêmicos. Isso porque, embora o tipo de livro mais lido por prazer seja pertinente à área de atuação, trata-se de livros não prestigiados no meio acadêmico. Tal situação provoca, certamente, certo

desconforto para o discurso da academia. Contudo, talvez seja necessário sairmos um pouco de nossa ‘zona de conforto’ e olharmos generosamente para este professor (um ‘novo’ professor como dito na parte inicial deste texto) e para suas angústias, suas preferências, seus dizeres, para aquilo que faz longe das vistas dos seus formadores.

O professor, como aquele a quem é conferida a tarefa de introduzir crianças no universo da leitura, constitui-se como um importante sujeito a ter suas práticas de leitura reconhecidas. Certamente que muitas informações resultantes de pesquisas focalizadas no professor como leitor forneceriam pistas para significativas reflexões para o seu processo de formação, tanto inicial quanto continuada.

Referências

ASSUNÇÃO, Ada Ávila e OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho docente e saúde dos professores. *Educação e Sociedade*. [online]. Vol.30, n.107, 2009, p. 349-372. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://scielo.com.br>. Acesso em: 08/03/2012.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Os professores são “não-leitores”? In MARINHO, Marildes. & SILVA, Ceris Salete Ribas da. (Orgs.) *Leituras do professor*. Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

DIEHL, Astor Antônio. & TATIM, Denise Carvalho. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUARTE, Adriana. Políticas educacionais e o trabalho docente na atualidade: tendências e contradições. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana. *Políticas públicas e educação: regulação e conhecimento*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2011.

KLEIMAN, Angela B. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In KLEIMAN, Angela B. (Org.). *A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

SINGLY, F. de. *Savoir Hériter d'un Goût : la transmission du goût de la lecture chez les étudiants* ». In : FRAISSE, E. (Org.). *Les Étudiants et la Lecture*. Paris: PUF, 1993c., p.49-71.

NOTAS

- ⁱ Revista *Veja*, Edição 2258 – ano 45 – n.9, 29 de fevereiro de 2012, pág. 99. Reportagem de Jerônimo Teixeira, Marcelo Marthe e Mario Mendes.
- ⁱⁱ O referido trecho citado pelo autor foi retirado a obra *A política do livro didático*, de Oliveira *et al*, publicado em 1984.
- ⁱⁱⁱ No sentido de ultrapassados.
- ^{iv} A defesa aqui não é pelo abandono da leitura de textos clássicos da literatura, até porque se são clássicos, não o são à toa! O que se defende é a ampliação dos modos e das fontes de leitura, aceitando-as, compreendendo o papel que cumprem, discutindo-as!
- ^v À exceção dos professores das Licenciaturas, os demais são da rede pública de ensino da cidade (tanto municipal quanto estadual, no caso dos professores do Ensino Médio).
- ^{vi} No caso dos professores da Educação infantil, foram distribuídos 199 questionários correspondendo a 40% do total. A intenção é que retornassem em número suficiente para completar 25%, o que não aconteceu em nenhum dos níveis considerados. Os professores da Educação Infantil foram os que mais devolveram os questionários respondidos.
- ^{vii} Não se descarta a possibilidade de o professor ter respondido de tal forma para atender a certa expectativa da pesquisadora. Contudo, em pesquisa recente, Heinz (2012) obteve resultados muito semelhantes aos apresentados na pesquisa abordada neste texto.
- ^{viii} Augusto Cury ficou na 10ª posição na pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil*, no quesito “autor brasileiro mais admirado pelos leitores”.
- ^{ix} Certamente que Içami Tiba, Gabriel Chalita e William P. Young, também têm constato na lista dos mais vendidos, podendo ser considerados como autores de *Best-sellers*. Contudo, foram contabilizados de forma distinta, dada a significativa frequência com que foram citados.

Sobre a autora

Rosana Mara Koerner é Doutora em Linguística Aplicada à Língua Materna pela Universidade Estadual de Campinas, professora nos Cursos de Letras e de Pedagogia e no Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville.

Enviado em: 30/07/2013

Aprovado para publicação em: 11/12/2013